

Sobre os BA's em Cabo Delgado (1)

# "Anannyatha" é nome antigo para assassinos de sempre

por Albano Naroromele

O termo macua «anannyatha» reapareceu em Cabo Delgado, revestido da sua característica sombra de terror e sabor macabro depois de ter caído em desuso e relegado ao esquecimento total durante muitas décadas. «Anannyatha» era até aos anos 50, a designação dada a indivíduos que, segundo a tradição oral, adocicada de doses lendárias tinham sido comprados por brancos não se sabe de que nacionalidade, embora fossem amigos dos colonialistas portugueses.

Esse grupo de indivíduos tinha como tarefa a captura e morte da população desprotegida nas machambas e em viagens através de florestas fechadas e famosas pelos seus ótimos abrigos para feras como leões, leopardos, serpentes e outras. Até aos anos 50, as conversas das lareiras em frente das portas das palhotas dos camponeses eram alimentadas por histórias sobre as horrorosas façanhas do «anannyatha».

Assim, as crianças e mesmo adultos menos informados, ficavam a saber que os «anannyatha» — literalmente o termo significa assassinos sem escrúpulos — eram homens sem personalidade nem dignidade. Matavam crianças, velhos e mulheres, para lhes extrair o sangue através de profundos buracos abertos nas cabeças das vítimas penduradas em árvores por cordas amarradas aos pés.

Os velhos, que eram os principais contadores das histórias dos «anannyatha» precisavam que o sangue por este extraído às vítimas era entregue ao administrador colonial que, por sua vez fazia chegar a mercadoria aos destinatários de nacionalidade desconhecida.

Quando algum membro do auditório dos velhos manifestava preocupação de saber mais pormenores sobre as característi-

cas deste tipo de vampiros, os relatores, como que tomados por um calafrio repugnante tossiam e escarravam violentamente contra o chão, antes de dizerem o seguinte: **São piores que as feras.**

— **Dormem lá no mato como porcos** — prosseguiam os velhos.

— **Não tomam banho e são capazes de, quando lhes faltam alimentos roubados, comerem a carne e beberem o sangue das suas vítimas. Deixam crescer o cabelo e a barba como capim e têm piolhos em todo o corpo. Muitos deles andam nus e os seus olhos têm a cor de sangue, por causa de suruma. Não cortam as unhas. Alguns deles, os mais antigos, têm-nas tão compridas e rijas que até se servem delas para furar a cabeça das suas vítimas e extrair o sangue. Quando apanham uma mulher, ou mesmo uma menina de poucos anos, violam-na primeiro com uma seive, para que a própria feras desconheçam, e depois matam-na.**

Lembro-me que todos as histórias dos «anannyatha» — o terror que as mesmas inspiravam roubava-nos, a nós crianças, o sono de noites tranquilas e obrigava-nos a sonhar com os assassinos a pendurarem-nos pelos pés nas árvores — todas as histórias, dizia tinham como denominador comum a origem dos chupa-sangues. Os «anannyatha» eram homens do Régulo Muikho Mwene temido na região de Meloco — localidade do Distrito de Montepuez — e amigo de grande estima das autoridades portuguesas.

De modo que grande parte do famigerado prestígio do Régulo Muikho provinha dos crimes dos seus assassinos que com ele viviam em Meloco e eram naturais da região que na altura tinha o nome do Mwene. Só quando já não havia assassinos de espécie nenhuma a soldo do Régulo Muikho é que o termo «anannyatha» desapareceu do vocabulário popular.

A partir de Julho do ano passado, a palavra «anannyatha»

voltou a amargurar as conversas das populações de Cabo Delgado. Foi, nessa altura que os bandidos armados, depois de malogradas todas as suas tentativas de se instalarem no Distrito de Namuno, penetraram em Montepuez e chegaram a Meloco. «Anannyatha» e pois o nome que os bandidos armados receberam em Cabo Delgado.

Curiosamente, foi o antigo Régulo Muikho — sucessor do Muikho do tempo colonial — que, com outros chefes tradicionais e dirigentes religiosos sob o seu comando, deu guarda os «anannyatha» de hoje na província. Este facto é tão conhecido em qualquer ponto de Cabo Delgado que, quando se quer saber algo sobre os bandidos armados a população responde sem hesitação: **Eles vivem em Meloco, com o Régulo Muikho.**

Esta firme resposta das populações não deixa a ninguém lugar para dúvidas, desde que se esteja atento aos relatos de qualquer habitante de Cabo Delgado sobre os crimes e a movimentação dos bandidos. Acerca dos assassinatos, saques, roubos, destruição de aldeias inteiras e outras barbaridades dos «anannyatha» de Meloco tentarei falar em próximos trabalhos.

Posso, no entanto adiantar que entre os crimes cometidos pelos «anannyatha» dos tempos recuados e os de hoje, não existe diferença apreciável, excepto a convicção da população, segundo a qual, enquanto que os assassinos de ontem eram mesmo naturais de Meloco, da região sob influência de Muikho, os actuais vieram de fora.

Em Cabo Delgado, mesmo ameaçando de morte, assassinando até ou ainda tentando ganhar outros antigos régulos noutros pontos da província os bandidos armados têm sido sempre como resposta um vigoroso repúdio e ódio em toda a parte. Em

situação semelhante nada mais resta aos «anannyatha» senão, depois de cometerem crimes um pouco por todo o lado, regressarem a Meloco, onde têm o seu esconderijo e a mesma identidade de assassinos com os antigos colaboradores dos colonialistas.

Em Cabo Delgado, a fixação de um «quartel-general» dos bandidos em Meloco foi exclusivamente obra dos antigos régulos da região, entre os quais se destaca o Muikho. Quando recentemente me deslocuei àquela localidade do Distrito de Montepuez e visitei a zona onde esses antigos régulos vivem com os «anannyatha», falei com vários elementos da população recém-libertados do cativeiro pelas Forças Armadas (FPLM).

Das declarações das vítimas dos bandidos, sobre o seu recrutamento compulsivo para as antigas povoações, depois de queimadas as aldeias onde viviam, e fácil concluir que tal recrutamento foi determinado pela influência tradicional dos antigos régulos. Conta-se que o próprio Muikho mobilizou pessoalmente a população para viver com os «anannyatha». Daí que a força das armas, catanas e machados com que os bandidos ameaçaram os camponeses durante o recrutamento, foi simplesmente um instrumento complementar a acção dos antigos régulos.

De resto, em varias aldeias de Meloco os antigos régulos nunca perderam a sua influência, devido à nossa fraqueza e, por vezes, nula presença — disse-me o Primeiro Secretário e Administrador da Localidade. Fie revelou, a título de exemplo, que houve alturas em que a própria sede da localidade não foi abastecida de nada durante um ano.

De modo que os «anannyatha», em Meloco, esconderam-se num espaço puro e simplesmente vazio, onde «ninguém» estava. Este facto não é segredo em Cabo Delgado, tal como disse o Dirigente da Província, General do Exército Alberto Chipanda. Em torno desta questão fundamental residem factores secundários, tais como a esperança dos bandidos em conseguirem um impacto qualquer com a sua penetração na província de Cabo Delgado. So que Cabo Delgado continuará a ser a retaguarda segura no combate contra os bandidos armados, não só porque na província vivem camponeses que já não podem ser enganados, como também pelo facto de os «anannyatha» estarem a ser cerradamente perseguidos pelas FPLM.

Um outro facto é a localização estratégica de Meloco (Sul da província, compreendendo uma zona grande demais para ter somente 14 aldeias) caracterizada por uma intensa mata que permite fácil movimentação e abrigo aos bandidos, isto sem falar da abundância da água e comida na região.